

FEMINICÍDIO E MISOGINIA: UM ESTUDO A PARTIR DOS ASSASSINATOS ATRIBUÍDOS A JACK, O ESTRIPADOR

Beatriz Weiss Passos (PIC/UEM), Cristian Carla Bernava (Orientador), e-mail: carla.bernava@gmail.com, Thomás Antonio Burneiko Meira (Co-orientador) e-mail: tbmeira@yahoo.com.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

**Sociologia / Outras Sociologias Específicas;
Direito / Sociologia Jurídica.**

Palavras-chave: feminicídio, condição social das mulheres vitorianas, decaimento moral.

Resumo:

A partir da perspectiva de uma Sociologia do Direito que visa a compreender as relações entre direito e sociedade no decorrer da história, este estudo analisa os assassinatos atribuídos a Jack, o Estripador, como feminicídios, isto é, como assassinatos que são cometidos contra mulheres em virtude de sua condição de gênero. Busca-se desvelar se a “imoralidade” associada a ocupação atribuída às vítimas, a prostituição, poderia ter motivado os assassinatos e afetado a opinião pública da época, debruçando-se sobre a condição social das mulheres vitorianas e os efeitos das leis vigentes sobre essa condição. Conclui que o que era compreendido como prostituição englobava uma variedade de situações de degradação social a que estavam submetidas as mulheres não-casadas naquela sociedade, degradação social simbolicamente reelaborada como decaimento moral, justificando, assim, os assassinatos perante a opinião pública e podendo ter servido de motivação misógina para os crimes e reforço dos padrões morais da época.

Introdução

A partir da história do mitológico assassino em série Jack, o Estripador, e suas vítimas reputadas como prostitutas, surgiu a temática desta pesquisa, cujo objetivo era, a partir da perspectiva de uma Sociologia do Direito que visa a compreender as relações entre direito e sociedade no decorrer da história, analisar os assassinatos atribuídos a Jack à luz do novo conceito de feminicídio.

Considerando a definição de Jane Caputi e Diana E. H. Russell em “Femicide: The Politics of Woman Killing” (1992, p. 15), feminicídio pode ser entendido como “a mais extrema forma de terrorismo sexual, motivada por ódio, desprezo, prazer, ou um senso de posse da mulher”. Com frequência, o principal perfil das vítimas são mulheres pobres, não brancas e que vivem em um ambiente marginalizado onde a segurança é mínima ou sequer existe.

Ocorre, então, que o feminicídio é um crime subnotificado, onde as mortes não são propriamente investigadas e muitos processos acabam arquivados e, portanto, esse perfil de vítima acaba revelando que o feminicídio é um crime diretamente ligado à dominação das mulheres, afetando grupos mais vulneráveis da população e ocorrendo predominantemente em locais marginalizados, onde o Estado é mais tolerante para com a violência.

À época dos assassinatos e ainda hoje, a ideia de que Jack, o Estripador era um assassino de prostitutas ajuda a dar sentido para os assassinatos e a reforçar um código moral de comportamentos aceitáveis e não aceitáveis para a conduta feminina. Ao se voltar para o significado social dos assassinatos à época, Radford (1992, p. 6) defende que transmitiam um duplo aviso: para as mulheres, “Saia da linha e isso pode custar sua vida”, para os homens, “Você pode matá-las e sair impune”.

Isso porque Jack, o Estripador não só saiu impune - já que nunca foi descoberta sua identidade - como também acabou se tornando um símbolo e uma “herança” de uma Londres romantizada - uma cidade de ruas pavimentadas, iluminadas por lamparinas à gás - transformando-se no protagonista da história e em um “gênio” jamais descoberto.

Materiais e Métodos

Foram sucedidas leituras acerca dos temas feminicídio, condição da mulher no período vitoriano, prostituição, assim como da biografia das cinco vítimas de Jack, o Estripador, as quais foram debatidas em reuniões frequentes com a orientadora. Os textos abordados como base para a pesquisa são de autoria de Weeks (2014), Caputi e Russel (1992), Federici (2017), entre outros.

Resultados e Discussão

Levando em conta o contexto socioeconômico de início da industrialização presente no período, Federici (2017, p.146) afirma que: “a separação entre produção e reprodução criou uma classe de mulheres proletárias que estavam tão despossuídas como os homens, mas que, diferentemente deles, quase não tinham acesso aos salários”. Ainda, a era vitoriana se tornou um sinônimo de um puritanismo sexual severo e repressivo onde a sexualidade feminina era o principal foco das discussões sobre respeitabilidade sexual, pois as mulheres eram consideradas responsáveis pela perpetuação da raça.

É a época em que foram inventadas as terminologias modernas que usamos para estruturar as maneiras como pensamos e falamos sobre sexualidade, como “mulher decaída”, ou “*fallen woman*”, e qualquer mulher que não se encaixava prontamente nas definições de comportamento sexual apropriado, como mulheres em relações casuais ou mães de filhos ilegítimos ou prostitutas eram consideradas “decaídas”. Nesse contexto, é fundamental entender a importância do casamento e da “domesticidade” como porta de entrada para a respeitabilidade e a estabilidade social das mulheres. Eles estão vinculados ao que Weeks (2014) chama de a “ideologia doméstica”, que teria promovido, principalmente por meio das novas leis

de casamento, uma diferença nítida entre casados e solteiros, estabelecendo também os limites entre sexo lícito e sexo ilícito.

Também, existia outra ideologia crescente que delimitava de forma clara o que as mulheres podiam fazer sem violar as normas de decência: a ideologia da respeitabilidade, que foi moldada dentro de uma separação de esferas sociais, onde o homem destinava-se a ocupar a esfera pública, e a mulher a esfera privada. Portanto, a mulher só era considerada respeitável dentro da vida privada, especificamente, do casamento, e, fora desse vínculo matrimonial, decaía socialmente e se tornava “imoral” (WEEKS, 2014).

A ideologia doméstica (WEEKS, 2014) vigente nesse período diferenciava mulheres respeitáveis e mulheres decaídas, sendo que as primeiras eram identificadas à condição de esposas e as segundas definidas como prostitutas. O que pode ser evidenciado pela estimativa de 1840, que afirmava que o número total de prostitutas em Londres estava entre “50.000 e 368.000” (WEEKS, 2014, p. 105), sendo que a cidade possuía, no início dessa década, cerca de 2 milhões de habitantes (ROUMPANI; HUDSON, 2014). Se confirmada, uma estimativa dessa monta acabaria tornando a prostituição a quarta maior ocupação feminina na era vitoriana (WEEKS, 2014).

Não existe qualquer evidência de que três das cinco vítimas atribuídas a Jack, o Estripador tenham se envolvido com a prostituição e assim, foram estigmatizadas como prostitutas por contaminação, uma porque estava em situação de rua, outra pois era pobre e alcoólatra, e a outra porque teve filhos fora do casamento. Em suma, porque quebraram as regras do que era permitido ser quando se era mulher naquela sociedade.

As histórias dessas mulheres nos sugerem, portanto, que havia várias maneiras de uma mulher decair socialmente nesse momento histórico, mas que essas experiências eram reduzidas a uma única, pela aglutinação das formas de decaimento sob o estigma da prostituição. Nessa redução, o decaimento social – efeito da pauperização e das vulnerabilidades que advinham da falta da “proteção” garantida pelos vínculos de casamento – convertia-se em decaimento moral. Um decaimento moral que era reservado apenas às mulheres e, especialmente, às mulheres da classe trabalhadora.

Conclusões

A formação do consenso de que Jack, o Estripador era um assassino de prostitutas serviu, à época dos assassinatos, para reforçar esse código moral de diferenciação entre mulheres virtuosas – que, supunha-se, estavam longe dos bairros de má-fama, e jamais poderiam ser vítimas de um assassino de prostitutas, pois eram respeitáveis –, e as mulheres decaídas – que não seguiam o padrão de moralidade imposto às mulheres vitorianas e por isso estavam sujeitas a se tornarem sua próxima vítima.

O que é particularmente revelador nestas histórias é o que elas nos dizem sobre o poder da definição sexual na formação e remodelação do que é moral e imoral. Na falta de evidências de que tinham se envolvido com prostituição ou que efetivamente exerciam comércio sexual na época dos feminicídios, o decaimento social que

experimentaram, enquanto mulheres sujeitas ao duplo padrão de moralidade vigente durante a era vitoriana, fizeram com que fossem contaminadas pelo estigma (GOFFMAN, 2008) da forma mais severa e “inteligível” de decaimento feminino da época, o da prostituição.

Assim, concluiu-se que o que se entendia por prostituição englobava uma variedade de situações de degradação social a que estavam submetidas as mulheres não-casadas naquela sociedade. Dessa forma, os feminicídios cometidos por Jack, o Estripador foram justificados perante a opinião pública, podendo ter servido de motivação misógina para os crimes, assim como de reforço dos padrões morais da época, a partir dos quais não só homens e mulheres eram tratados de forma desigual, mas também as mulheres virtuosas eram diferenciadas das mulheres decaídas.

Agradecimentos

À professora orientadora Cristian Carla Bernava.

Referências

CAPUTI, J; RUSSEL, D. E. H. **Femicide**: Sexist Terrorism against Women. In: RADFORD, Jill; RUSSEL, Diana E. H. (org.). **Femicide**: The Politics of Woman Killing. Nova Iorque: Twayne Publishers, 1992, p. 13-21.

FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

RADFORD, J. Introduction. In: RADFORD, Jill; RUSSEL, Diana E. H. (org.). **Femicide**: The Politics of Woman Killing. Nova Iorque: Twayne Publishers, 1992, p. 3-12.

ROUMPANI, F; HUDSON, P. The evolution of London: the city's near-2,000 year history mapped. **The Guardian**, 15 mai. 2014. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/cities/2014/may/15/the-evolution-of-london-the-citys-near2000-year-history-mapped#:~:text=Between%201714%20and%201840%2C%20London's,powerful%20city%20in%20the%20world.>>. Acesso em: 28 fev. 2022.

WEEKS, J. **Sex, Politics and Society**. The regulation of sexuality since 1800. Londres: Nova York: Routledge, 2014.